



UMA VIAGEM AO PASSADO E AO FUTURO DOS CAMPOS RUPESTRES

Dr. Newton Pimentel de Ulhôa Barbosa;

RESUMO (Palestra)

Os campos rupestres são vegetações herbáceas e/ou arbustivas, altamente heterogêneas, intimamente relacionadas aos afloramentos rochosos presentes nas partes altas de regiões montanhosas do sudeste Brasileiro, principalmente sobre formações quartzíticas, areníticas ou de minério de ferro. Esse ecossistema está distribuído majoritariamente ao longo da cordilheira do Espinhaço, um maciço montanhoso que se estende entre os estados de Minas Gerais e Bahia, considerado reserva da Biosfera pela UNESCO. Suas plantas idiossincrásicas e as fantásticas relações ecológicas existentes ali encantaram diversos naturalistas, tais como o francês Saint-Hilaire e o jovem dinamarquês Eugen Warming, que plantou ali as raízes da ecologia vegetal. Entretanto, sabemos que o que vemos hoje é apenas uma frágil fotografia deste ecossistema em um momento de sua longa história neste planeta, resultado de inúmeras mudanças ocorridas em tempos ancestrais. De fato, muitas foram estas transformações. De acordo com modelos de distribuição para o passado, não houveram expansões ou retrações significativas dos Campos Rupestres durante o Holoceno médio (6.000 anos atrás) e durante a última máxima glacial (20.000 anos atrás), provavelmente devido à grande especificidade edáfica característica deste ecossistema. Modelos futuros indicam uma grande perda de áreas de adequabilidade ambiental para os campos rupestres até a década de 2080', que associadas aos diversos impactos antrópicos já existentes nestas regiões, pode gerar resultados imprevisíveis ou até mesmo catastróficos para esse frágil ecossistema.